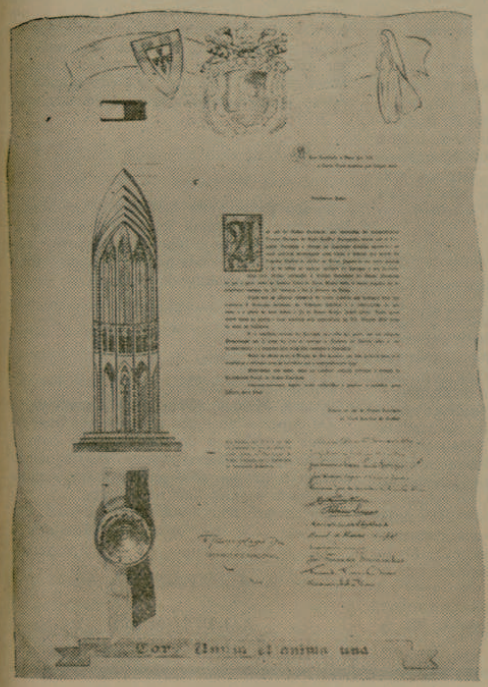
ala

QUINZENÁRIO DOS UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS DE PORTUGAL



O NOSSO PEDIDO

A Sua Santidade o Papa Pio XII a quem Deus conserve por longos anos

Beatíssimo Padre

Aos pés de Vossa Santidade, por intermédio do Eminentíssimo Director Nacional da Acção Católica Portuguesa, vimos nós os Dirigentes Nacionais e Gerais da Juventude Católica apresentar as mais rendidas homenagens como filhos e devotos que somos do Augusto Vigário de Cristo na Terra. Fazemo-lo em nome próprio e no de todos os rapazes católicos de Portugal e seu Império.

Seja êste saudar afirmação à Pessoa Venerada de Vossa Santidade de que a gente nova da bendita Terra de Santa Maria sente o maior orgulho em se considerar vassala da Sé Romana e fiel à Cátedra de Pedro.

Dizem-nos as páginas rutilantes da nossa História que Portugal deve e sua existência à protecção carinhosa do Soberano Pontífice e a imortalidade do seu nome e a glória de seus fastos à Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda agora fomos livres da guerra e suas misérias pela interferência da S. S. Virgem Mãi junto do trono do Altíssimo.

E a mocidade católica de Portugal, querendo ser grata, vai em religiosa Peregrinação até à Cova da Iria a mostrar à Senhora de Fátima todo o seu reconhecimento e a prometer vida mais alta conforme o Evangelho.

Antes de partir quer a benção do Pai Comum, que seja garantia para seus propósitos e estímulo para os sacrifícios que o empreendimento exige.

Prostrados nós todos, como os romeiros antigos, pedimos a esmola da Sacrossanta Benção de Vossa Santidade.

Levantar-nos-emos, depois, mais confortados e prontos a caminhar para Fátima, para Deus.

Beijam os pés de Vossa Santidade os filhos humildes no Senhor.

aa) *Manuel Duarte Gomes da Silva*
José Guilherme da Rocha Leão Martins Alves
José Venâncio Pereira Paulo Rodrigues
José Candido Sisgado de Azevedo Mendes
Francisco José de Azevedo da Cunha Rosa
Jorge Pereira Jardim
Mário Simas
Manuel António da Silva Almeida
Manuel de Oliveira Campos
Rogério Gonçalves Henriques
José Fernandes Mascarenhas
Fernando Ferreira Chaves
Germano da Silva Torres

EM LISBOA, AOS 2 DIAS DO MÊS DE FEVEREIRO DO ANO DA GRAÇA DE 1946, FESTA DA PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA, NO III CENTENÁRIO DA IMACULADA PADROEIRA.

a) *Fr. João Diogo Crespo*
O. F. M.
Assistente Nacional

MARIA

O mistério da Divina Maternidade de Maria não se limita ao facto de que no seu ventre o Verbo se fez carne e sangue, tomando a nossa natureza humana. O católico não se contenta com repetir alegremente as palavras inspiradas da mulher do Evangelho: «Bem aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram». É com muito maior atenção que ouve a resposta de Nosso Senhor: «Bem aventurados antes aqueles que ouvem a palavra de Deus e a guardam» (Luc. XI, 28). Não é no aspecto físico que reside a importância de Maria na obra da Salvação, mas, e principalmente, no seu aspecto moral e religioso. Consiste em, tanto quanto dela dependia, Maria ter dado o melhor de si mesma, ter posto todo o seu sêr ao serviço de Deus. E por mais infinitamente pequenas que sejam todas as acções e sofrimentos humanos comparados com a Divina Perfeição, Ela deu, sem restrições, todo este infinitamente pouco para a visitação da Graça Divina e assim se preparou para ser o instrumento sublime da Divina Redenção.

Pouco ou nada sabemos dos primeiros anos da sua vida, mas desde o momento em que aparece no palco da História, Maria irradia luz. «Eu te saúdo, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres» (Luc. I, 28). Nunca anjo algum disse, de homem ou mulher, palavra maior e mais santa. Há séculos que a Igreja medita a Saudação Angélica com oração e amor, e nela descobre, constantemente, novas glórias de Maria. E no entanto o seu mistério não está ainda esgotado. A luz dessa mesma história do Evangelho, Maria aparece-nos como alguém que, consciente da sua humildade (Lc. I, 48, 52, 53), mas cheio de alegria, se regosija em Deus seu Salvador e apenas nÊle (I, 46) e no ardor da sua entrega e com uma inspiração que tudo domina, vê e proclama a espantosa verdade: «De hoje em diante todas as gerações me chamarão bem aventurada» (I, 48). Ninguém viu como Ela, logo no início do Evangelho o seu poder revolucionário e triunfante, e por isso a Igreja lhe chama *Rainha dos Profetas*. Sabemos mais que toda a sua vida subsequente foi não só de humildade e simplicidade mas também de uma fé alegre e forte. Belém e o Gólgota são os extremos de um caminho de cruciante renúncia, de resignação heróica, de completo aniquilamento (*exinanitio*), um caminho como o que Nosso Senhor percorreu. A espada profetizada por Simeão (Lc. II, 35) feria a sua alma tanto mais profundamente quanto mais avançava o processo da sua dedicação.

Primeiro foi naquela cena no Templo quando ouviu a profecia de Simeão (Lc. II, 34-35) e depois nas Bodas de Caná (Jo. II, 4) e naquele encontro em Cafarnaum (Mar. III, 33; Mat. XII, 48 Lc. VIII, 21) quando o seu Filho lhe disse «Mulher, isso que nos importa a mim e a ti?» e «Quem é minha Mãe?» e, finalmente, aos pés da Cruz. Em todos estes passos da sua vida, com uma tristeza e uma compreensão cada vez maiores arranca do coração o seu Divino Filho e entrega-O ao Pai — *Rainha dos Mártires*. Mas a sua fé era tão forte como a sua humildade: «Conservava todas estas coisas» que se diziam de seu Filho, «meditando-as em seu coração» (Lc. II, 19, 51). E assim se tornou a fonte preciosa e pura da história de Sua infância, assim se tornou a fiel evangelista *Rainha dos Evangelistas*. Foi a fé de Sua Mãe que produziu o milagre de Caná, a primeira manifestação da glória do Senhor entre os homens (Jo. II, 1). E Maria também foi testemunha da última revelação da Sua Glória, nas línguas de fogo do Pentecostes (Atos II, 3). Nenhum apóstolo aprendeu o mistério de Jesus tão completa e profundamente, nenhum guardou tão fielmente a sua experiência como a *Rainha dos Apóstolos*. Era esta imagem radiosa de Maria tal como nos é descrita por S. Lucas e S. João, que Nosso Senhor tinha em vista ao dirigir a mulher do Evangelho da maternidade física de Maria para a sua sublimidade espiritual: «Benditos antes os que ouvem a palavra de Deus e a guardam» (Lc. XI, 28). Este facto dá à cena todo o seu carácter de explicação e a importância que tem na história da nossa salvação. Mas todo o sublime da personalidade moral de Maria, toda a profundidade da sua devoção virginal e toda a força da sua fé, atingem o máximo nas palavras com que respondeu ao Anjo: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». Não eram palavras vulgares, de todos os dias, das que os homens proferem ao sabor dos acasos da vida. Eram palavras que vinham dos recantos mais profundos duma alma mais pura e mais nobre que todas as medidas terrenas, palavras que eram a expressão de todo o seu ser, de toda a sua perfeição. Por elas consagrava o seu corpo a um «culto racional» (cf. Rom. XII, 1) e é esta a origem da sua bem aventurança. O *benditos* com que Nosso Senhor corrige o louvor daquela mulher parece uma referência ao *bendita* do Anjo no mesmo Evangelho. «Bendita tu, que crêste, porque se hão-de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas». A alegria da humanidade redimida ressoa nestas palavras de Santa Izabel.

São a primeira alegria do Evangelho. E são mais verdadeiras de Maria que de todos os outros porque ela com o seu «Faça-se em mim» precedeu-os a todos no caminho da Redenção, ajudou mesmo a preparar esse caminho. Sem o seu consentimento não teria havido Redenção e por isso ela é para nós a *Porta do Céu*.

E assim, o facto maravilhoso de Deus não estar sózinho no Seu trabalho de Redenção, mas de também as criaturas, na medida das suas possibilidades, poderem verdadeiramente participar dele, em ninguém se verifica mais claramente que em Maria. É bem verdade que se Maria teve esse previlégio só à Graça foi devido, que de toda a eternidade tinha sido chamada para Mãe de Deus e desde o princípio estava cheia da Graça Redentora de Cristo, de tal forma que foi concebida Imaculada, sem mancha de pecado original. Foi a Graça, e apenas ela, que deu ao seu coração uma devoção ardente e total pelo Salvador e uma resolução tão firme. Por isso não conheceu varão, e, como *Virgem das Virgens*, era a porta fechada da qual foi dito: «Ninguém passará por ela; porque o Senhor Deus de Israel entrou por esta porta» (cf. Ezeq. XLIV, 2). No entanto a graça de Deus não força ninguém, tem que ser livremente aceite. E por mais infinitamente pequena que possa parecer a actuação de Maria, comparada com a de Deus, há no entanto um elo humano na cadeia divina da nossa salvação, o «Faça-se em mim» de Maria. E os católicos exaltam Maria sobre todos os anjos e santos (*hyperdulia*) porque quiz Deus conceder às suas palavras decisivas esta importância efectiva na obra da Redenção. Os Padres da Igreja, desde o tempo de S. Justino Mártir, constantemente realçam a importância de Maria na

(conclue na pág. 4)

CARTA DO PORTO

Carta N.º 1 de 6 de Fevereiro de 1946

Caros Amigos de Lisboa
e Coimbra:

Ao iniciarmos convosco as nossas «conversas epistolares», não queremos deixar de vos saudar fraternalmente, sentindo verdadeiramente a nossa união convosco em Cristo, e de desejar sinceramente que cada vez tenhamos mais a consciência de pertencermos *todos nós* a *uma única* Juventude Universitária Católica.

Nestas cartas referir-nos-emos à vida jucista no Pôrto, não para mostrarmos, com vaidade, obras, mas para iniciarmos um movimento de maior conhecimento e união, através do «Ala», dos três Centros Universitários. ¿Como pode estar verdadeiramente interessado pela vida jucista quem não conhece a vida da J. U. C. nas outras cidades? Ora, «nós somos um». Precisamos de ter consciência desta unidade! A verdade é que apenas uma pequenissima minoria de jucistas — dirigentes, até — de Lisboa e Pôrto, por exemplo, mantém correspondência entre si, sôbre a J. U. C., em especial. Só sabendo o que se faz em Lisboa e Coimbra é que nós, no Pôrto, por exemplo, poderemos aprender de vós o muito que, com certeza, nos podeis ensinar nas vossas realizações.

Deus queira, pois, que estas cartas possam vir a irmanar, pelo conhecimento mútuo, os que trabalham pela mesma obra: a recristianização da Universidade como um meio de «restaurar tudo em Cristo».

*

A 2.ª quinzena de Janeiro ficou marcada na vida jucista no Pôrto pela Recolecção de 27 de Janeiro, pelas 9 horas, na Igreja de S. Bento da Vitória. Compareceram 63 rapazes das 4 Faculdades, e dos 6.º e 7.º anos da J. E. C. (para maior conhecimento, colaboração e integração dos futuros jucistas vindos daquele Organismo, nosso «irmão mais novo»).

A Missa, à qual comungaram os presentes, foi rezada pelo Rev. D. Gabriel de Sousa, O. S. B., que fêz uma homilia sôbre o Evangelho dêsse Domingo (3.º após a Epifania), frizando em especial que a resposta de Deus ao nosso pedido confiante «Se Vós quiserdes, podeis curar-me» é só uma: «Quero ser curado», ao passo que ¿quantas vezes Lhe dizemos nós um «Sim!» decidido, firme, a tantos convites que Êle nos faz?...

*

Após o pequeno almôço, servido às 10 menos pouco, no próprio Mosteiro antigo, o Rev. D. Gabriel iniciou, cêrca das 10 e um quarto, a 1.ª meditação, sobre «As primícias da nossa fé», falando na mudança de forma que o barro humano, saído das mãos do Oleiro Divino, sofrera pelo *pecado* — «crime de lesa-arte divina» —, e no castigo que Deus lhe deu, restringindo os Seus segredos a um povo, vindo de um Patriarca que bem O servira. E isto não porque votasse «ao ostracismo o resto do mundo, qual «*massa damnata*» abjecta e vil», mas porque «simplesmente a forma que aquele barro tomara não Lhe agradara, e Deus já tinha um plano assente para a *restauração*». Eis então que surgiu Aquele que havia finalmente de acabar com a distinção entre povo escolhido e gentios. Mas, «porque as trevas não compreenderam a Luz» e «os Seus não O receberam» (Ev. de S. João), aos gentios «deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus». E são os Magos, «as primícias da nossa fé», que escrevem a primeira página da história da conversão da gentilidade. «E nós somos continuadores da história — Deus queira que não a escrevamos com borrões!». Tenhamos, pois, uma Fé — que «é cega, não por falta de Luz, mas por abundância dela» — que nos faça querer «ver Jesus», como o pequeno Zaqueu, mas uma Fé que seja uma vida e não apenas uma teoria.

*

Seguiu-se um intervalo, às 11 horas, que — verdade seja dita... — não se passou naquele silêncio que seria necessário à meditação do que se ouvira.

Contudo, consolou-nos por outro lado o ambiente de contentamento e alegria que reinou. Claro, não podiam faltar as fotografias, tiradas no telhado, junto da tôrre da Igreja — e quando se fala em fotografias vê-se logo o nosso celebérrimo «clínico» Dr. Abrunhosa, que tôda a J. U. C. conhece... por nos fazer estar em pose uns minutos para uma simples fotografia...

*

Às onze e um quarto reunimo-nos de novo paraa 2.ª meditação, essencialmente prática. O Rev.D. Gabriel de Sousa, a partir das palavras doCenturião: *dic verbo* — «mandai com uma palavra» — citadas no Evangelho de Domingo, tirou para nós uma lição de disciplina: disciplina interior e exterior, disciplina na conduta particular e no Apostolado. E frizou objectivamente a disciplina no horário, no levantar mal toca o despertador (e muitas «carapuças» se enterraram nesta altura...), no estudo — e na vida dentro da J. U. C.: não faltar a uma reunião ou chegar tarde porque uma conversa em companhia agradável nos prende... Lembrou o Rev. D. Gabriel que «o homem vale o que valer a sua vontade».

E prosseguiu focando a disciplina no amor: no amor afectivo e no amor efectivo, isto é, no amor àquela que há-de ser a nossa companheira futura, e no amor ao próximo.

Como cristãos organizados que devemos ser, temos de aceitar disciplinadamente a autoridade, que vem de Deus — e explicou: «Tendes de reconhecer a autoridade da vossa Direcção Diocesana, porque é alguma parte da autoridade divina». Terminou dizendo: «Obedeçamos às ordens hierárquicas, por mais disparatadas que pareçam — porque alguma razão houve, afinal, para serem dadas, e porque, vencendo-nos, damos exemplos aos outros, que nos viram vencermo-nos». Se todos nós fizéssemos isto...

*

Seguiu-se ao meio-dia, um quarto de hora de Adoração ao Santíssimo, durante o qual se cantaram alguns cânticos. Um ponto se notou: é uma vergonha que a maioria dos rapazes não cante... ¿Porquê?... Não pode ser assim! — e, por isso, a nossa Direcção Diocesana resolveu que se façam alguns ensaios: o Universitário também há-de cantar!

*

Pouco passava do meio-dia e um quarto, tiraram-se as últimas fotografias à porta da Igreja e cantou-se o hino da Juventude Católica Portuguesa — que há-de «na vida instaurar o Reinado sublime da Cruz».

*

Amigos:

Esta já vai muito longa. Até à próxima.

Os rapazes do Pôrto esperam que lhes escrevais também, e desejamo-vos de todo o coração que os vossos exames de frequência corram o melhor possível — e assim será se nós tivermos «disciplina no estudo».

Por hoje, abraça-vos fraternalmente in
Cor unum et anima una

ATÉ FÁTIMA

A J. U. C. do Pôrto

CRÓNICA DE CINEMA

Com Todo o meu Coração...

A estreia de mais interesse que se verificou na última semana foi a da produção de Selznick «I'll be seeing you», a que foi dado o título português de «Com todo o meu coração...». A película, que foi apresentada no Tivoli, entrou já na segunda semana de exibição. Nem admira que assim tenha sucedido; uma produção de Selznick, realizado por William Dieterle e interpretado nos protagonistas por Ginger Rogers e Joseph Cotten, apresenta desde logo, à simples menção destes nomes, fortes atractivos para o público. Todos acorreram, por isso, ao Tivoli, na esperança de ser um grande filme — que é coisa que nesta época muito poucas vezes se tem visto.

Não creio que o público tenha sofrido pròpriamente uma decepção; mas também não viu confirmada inteiramente a sua esperança. O filme, quer considerado em si mesmo, quer considerado em relação à média das películas últimamente apresentadas, é bom; mas não é um grande filme. E se o considerarmos em relação à categoria dos nomes que o subscrevem, teremos de confessar que esperávamos melhor.

Fundamentalmente, o seu defeito reside no deficiente aproveitamento de uma história que, mais bem tratada, poderia oferecer largo interesse. Assim, conta-nos o filme que dois jóvens, cada um com seu drama oculto, se encontraram num comboio. Ele é um soldado que foi ferido na guerra e que ficou padecendo de uma doença nervosa que o incapacita de voltar ao campo de batalha e de reagir normalmente perante a vida; ela foi condenada por um crime que praticou sem intenção e apenas para defender a sua honra. O soldado vai procurar repouso para os nervos fora do tumultuoso ambiente da cidade; a rapariga, que apenas cumpriu metade da pena, vai passar o Natal com uns tios, aproveitando os curtos dias de férias que lhe deram, em razão do seu bom comportamento na prisão.

Encontram-se no comboio. Trocaram breves palavras e desembarcaram no mesmo sitio. Voltam a encontrar-se. Ela fica sabendo a história do seu companheiro de viagem, mas não tem coragem de lhe contar a sua. Supõe que em breve se separarão e que, por isso, não vale a pena desvendar o triste segredo. Mas a verdade é que a convivência gera em ambos uma forte paixão. O termo das férias aproxima-se e agora ela não quer contar-lhe o que se passa porque teme que o choque lhe agrave a doença, de que conseguiu fazer-lo melhorar com a sua companhia. Uma circunstância fortuita, porém, dá a conhecer ao soldado a triste situação. Parte magoado. Mas considera: compreende a razão do silêncio da rapariga, e vem dizer-lho. Ambos aguardarão paciente e esperançadamente que termine o cumprimento da pena.

O principal defeito deste argumento está, parece-me, em não aproveitar convenientemente o interesse despertado pelos elementos de que parte. Assim, por exemplo, apresentado o caso da doença do protagonista, natural seria que, para corresponder ao interesse criado, se desse papel preponderante na história à caracterização e manifestações dessa doença. O espectador fica esperando, não só que o elucidem melhor àcerca do estado anormal do soldado e suas causas, como ainda que lhe seja dado assistir à evolução e seus efeitos.

Afinal, nem a doença aparece convenientemente definida (através dos seus efeitos, naturalmente, e não através dum nome), nem quasi se dá pela sua evolução.

Daqui resulta que a personagem do soldado nos aparece falha de conteúdo (porque o seu interesse estava ou pretendeu-se que estivesse precisamente na anormalidade gerada pela lesão e dessa não se soube tirar partido) e só o talento de um Joseph Cotten consegue dar-lhe expressão e rodeá-la por vezes de dramatismo.

Um exemplo da maneira deficiente como se faz a caracterização desta personagem, no que respeita à sua enfermidade (que era o que interessava), está na cena em que o soldado fica só pela primeira vez no quarto que alugou e em que se faz ouvir uma voz que refere detalhes manifestamente destinados a elucidar o espectador àcerca da mesma doença. É evidente que se podia e devia ter arranjado outro processo mais cinematográfico e mais significativo de pôr quem vê o filme ao corrente da situação.

E, para além deste aspecto, fica-se realmente com a impressão de que o tema podia ter sido mais bem aproveitado, de modo a imprimir mais interesse e mais força dramática à película. A principal deficiência desta é, assim, directamente imputável ao argumentista.

Mas, mesmo descontando tudo isto, há ainda em «Com todo o meu coração...» motivos suficientes para justificar a afirmação de que se trata de um bom filme. Há, antes de mais, a realização de William Dieterle que, não podendo considerar-se inteiramente alheio aos defeitos da fita, constitui todavia razão das suas principais qualidades. Direcção segura, com cenas muito bem realizadas, tais como a da evocação do crime (que bem se poderia chamar um caso de legítima defesa), ada luta com o cão, a da alucinação nervosa do soldado doente e ainda a da compra do vestido.

Há também a excelente interpretação de Ginger Rogers e de Joseph Cotten — a deste mais difícil porque, como resulta do que se disse atraz, tem muitas vezes de lutar com o carácter impreciso do personagem. Ginger Rogers, aquela actriz que dos papéis vulgares dos filmes de Fred Astaire se guindou às alturas de «Kitty Foyle», volta a dar-nos uma criação magnífica, à qual não é possível apontar defeitos. Joseph Cotten é, como sempre, magistral de sobriedade.

Shirley Temple também tem papel de certo relevo e, sem chegar ao nível do par principal, actua de forma satisfatória. E, por último, salienta se a boa fotografia de Tony Gaudio.

Jorge Botelho Moniz

Este número foi visado pela Comissão de Censura

PÁGINA SOCIAL

Insistindo sempre...

• *A Pessoa humana é anterior ao Estado que deve respeitar todos os seus direitos, atender a todas as exigências da sua natureza e estar ordenado no sentido do seu pleno desenvolvimento. Os indivíduos como elementos do Estado, têem deveres para com êle. Estão-lhe subordinados em tudo o que diga respeito ao bem comum por que êle está incumbido de velar. A Doutrina Social Católica exalta a dignidade da Pessoa humana. O Individualismo reduz o homem ao indivíduo. O Socialismo considera-o mero elemento escravisado do Estado Omnipotente.*

• *A família não é instituição dos homens; é instituição da Divina Providência. Está na base de todas as sociedades. É anterior ao Estado. É insubstituível por êle. Tem seus direitos próprios que não podem deixar de lhe ser reconhecidos.*

• *A propriedade privada dos bens que constituem para o homem — e família a seu cargo — o suficiente para bem viver é de direito providencial e natural. Porém, se se trata de bens superabundantes em relação a êste «bem viver», já a sua propriedade particular e pessoal se justifica pelas necessidades essenciais e legítimas da natureza humana. Justificam-na, então, as vantagens de ordem social; a boa gestão dos bens e a paz pública. Os proprietários dêstes bens não são seus soberanos absolutos; são seus administradores com responsabilidades perante a sociedade.*

• *O trabalho é uma actividade própria e exclusiva do homem. (O animal, a máquina, não trabalham). Tem um duplo carácter — individual e social — que se baseia na necessidade que o homem tem de trabalhar para viver e nas exigências do progresso social. O dever de trabalhar não assiste apenas aos que só vivem do seu trabalho; assiste também aos que, possuindo bens suficientes, não precisam de trabalhar para si: a sociedade, que os favoreceu de maneira especial com êsses bens, tem direito a receber dêles a sua cota parte para o património comum. A necessidade de trabalhar confere ao homem o direito ao trabalho: a sociedade deve organizar-se de modo a facultar a todos o exercício dêste direito.*

O trabalho humano não é simples mercadoria ou mero instrumento de produção. Não se paga portanto. O salário não é paga do trabalho; é a sua remuneração. São dois os carácteres do salário: é pessoal e é necessário. O facto dum operário acordar com o patrão num salário insuficiente não briga com o carácter de personalidade mas briga com o carácter de necessidade: atenta contra a justiça que dá a cada um o direito ao que é necessário para a normal conservação da sua existência e satisfação dos encargos familiares.

Impertinente

BREVE CURSO DE DOUTRINA SOCIAL CATÓLICA

VI — A Tranformação Moral da Empreza

O grande mal do homem moderno é que dominou toda a terra excepto a si mesmo. Não há avanço paralelo da técnica e da moral. A questão social é eminentemente moral; embora profundamente inserida no material. É ridículo supor que é *sòmente* económica.

1.º Dependência da ordem moral. A característica dos movimentos sociais modernos é ter proclamado a independência de todo o ser superior. Todos trataram de construir um novo mundo independente dum ser superior.

Para o liberalismo entre economia e moral não há relação alguma — a económia é uma ciência totalmente independente da moral. Assim o homem no campo económico deve reger a sua actividade sòmente por leis económicas, entre as quais avulta a da oferta e da procura. Segundo o liberalismo, o económico era independente do político e ambos do moral a vida humana era separada em compartimentos estanques.

Há imensas ideias filosóficas na base dêste estado de espírito. Primeiramente o «cepticismo moral»: «um grau de meridiano muda os costumes, as modas e a moral»: considerou-se a moral como subjectiva. Se a moral é discutível, a economia não o pode ser.

E também contribuiu para estas ideias uma falsa concepção do homem: o homem é naturalmente bom, logo deixando-o agir em liberdade só pode produzir o bem e a ordem. Ou, outra concepção: o homem, é naturalmente mau — disse Lutero; também neste caso não necessitava de moral. E também se concebeu o homem puro animal ou puro espírito — de qualquer modo não precisava de moral.

Estas concepções são totalmente falsas porque o homem é um só ser, não é união acidental de matéria e espírito.

2.º Finalidade humana da economia e portanto finalidade moral. A finalidade restrita da economia não é a produção de bens espirituais, mas sim a produção da riqueza.

A técnica e a ciência são como antepassados da economia; esta trata de orientar, ordenar as riquezas para o homem, repartir essas riquezas para satisfazer às necessidades do homem. Daqui se conclui que a economia é uma ciencia humana e portanto deve ser uma ciencia moral.

O indivíduo, como uma planta, necessita de certo número de condições exteriores para se desenvolver. A economia para conseguir o bem humano tem de conseguir o bem social. Neste sentido a economia tem de estar submetida à política, isto é, tem de estar submetida ao bem comum.

3.º Dependencia interna da economia. Assim como o homem é dirigido no decurso da sua vida por um princípio vital, assim a economia deve nascer e orientar-se movida por um fim moral.

Dizer que a economia deve ser dirigida apenas pelo interesse, pelo egoísmo, competindo ao Estado fazê-la servir os fins morais, é quase o mesmo que dizer que os rios devem nascer de modo a inundar os campos cabendo ao Estado pôr os diques necessários.

A economia dirigida deve-o ser principalmente de dentro do próprio individuo, pela sua consciência.

A empresa deve estar movida por interesses económicos e também por interêsses morais.

Deve-se passar da luta de classes, mais ou menos encoberta ou latente à colaboração social.

Para essa colaboração é necessário o «sentido social» do patrão e o «espírito de comunidade» do trabalhador.

São necessários *virtudes sociais*. Destas são 2 ramos os mais importantes: virtudes de justiça social e virtudes de caridade — ou fraternidade — social.

A caridade funda-se no amor e traz a colaboração.

Não basta a justiça embora seja — talvez o mais importante, e deve preceder, cronológicamente a caridade.

O seu fim é dar a cada um o que é seu. Mas é necessária a colaboração — e esta é filha da caridade.

O capitalismo é uma concepção quantitativa; basta a justiça, basta a quantidade. Não: quando tôda a justiça estiver feita há ainda a cooperação — a caridade. (1) *E não se julgue que uma vez feita justiça a caridade é facultativa.*

Segundo apontamentos do R.º Padre Yurre.

Manuel Cavique Santos

(1) Para que não seja deturpado o sentido do que se escreve, é indispensavel não confundir, como tantas vezes sucede *caridade* com *comiseração, pena* ou *dó*. Para precisar êste conceito leia-se, por exemplo, o artigo «Algo sobre a caridade» no n.º 51 do «Ala» de 15 de Janeiro de 1946.

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO

À PROCURA DE NOIVA

Henriqueta e a sua ciência

Com este artigo encerramos a série dos quatro que D. Nicolas Gonzalez Ruiz dedica ao problema da noiva. A seguir à Zeca e à Margarida, o autor faz desfilar agora a Henriqueta, uma «rapariga intelectual». A lição que todas as três nos dão vem sintetizada no último parágrafo do artigo de hoje: beleza, bondade e inteligência, eis as qualidades que deve ter, mas bem doseadas, a noiva ideal.

Cada uma das noivas que desfilam por aqui, baptisadas com nomes próprios, são tipos genéricos. Nunca existiram ou melhor, têm existido muitas vezes. Henriqueta poderia ter qualquer outro nome, porventura mais corrente, mas este pareceu-me bom para uma rapariga universitária.

A Henriqueta era, segundo ela própria dizia, uma «mulher sem preconceitos». A dificuldade que eu tenho em saber bem ao certo o que vêm a ser os tais «preconceitos» levou-me sempre a ter muito medo dessa frase. Se os preconceitos são hábitos rotineiros e absurdos que destroiem a liberdade duma vida sã, então sou contra os preconceitos. O pior é que muitas vezes vamos encontrar incluídos na lista dos preconceitos alguns dos mandamentos da Lei de Deus; e não há vida que se possa chamar sã, sejam quais forem as aparências, se acaba por levar ao Inferno.

Mas não façamos tão maus juízos da Henriqueta. É uma rapariga inteligênte. Não há equação que não resolva. Da mesma forma é capaz de demonstrar que «*a* menos *c* é igual a *d*» e fala com tanta familiaridade de Epaminondas como de Duns Scoto. Um encanto de rapariga, com boa memória, inteligência e vontade e que ao encontrar-se com as potências da alma plena e eficazmente cultivadas e desenvolvidas começou a achar triste o destino da mulher e começou a pensar em mudá-lo, pelo menos no que respeita a ela. Já fala com ironia dos trabalhos de costura e de cosinha e não tem medo de mostrar repugnância pelas fraldas sujas dos meninos de colo.

Aqui é que está o mal. A Henriqueta não sabe nada. A sabedoria que não leva ao amor das obras de Deus e portanto ao amor da vida tal como ela é com a sua servidão que a liga ao que há de mais humilde na terra e não dá a capacidade de transformar essa servidão numa contínua homenagem ao Criador, é uma sabedoria que pouco ou nada vale.

Digo isto para que não olheis com desconfiada preocupação para as raparigas inteligentes e estudiosas. Sempre se disse que a ignorância afasta de Deus e que, pelo contrário a cultura conduz até Êle. Mas Henriqueta, com tudo isso que sabe do Ponto Euxino, do Peloponeso e do Dodecaneso cultivou apenas alguns dos seus dons intelectuais; falta-lhe um harmonioso desenvolvimento do conjunto. Ficou deslumbrada com essas noções adquiridas mas não adquiriu a fundamental que é a da missão que, como mulher, lhe cabe neste mundo. Pode ter pensado em casar mas no fundo com certeza que não pensou que se uma mulher se casa é para ter filhos, para cuidar pessoalmente deles, para obedecer ao marido. Está aqui precisamente o mais difícil da questão.

É muito para desejar uma aproximada coincidência do nível intelectual dos esposos. Mas cometerá um grande êrro aquele de vocês que se case com a Henriqueta, pensando apenas nas vantagens que ela trouxer com o seu ficheiro. Se ela se deixasse desses preconceitos — que são no fim de contas o que ela chama liberdade de preconceitos — seria a companheira ideal para um rapaz formado pois poderá colaborar com ele nos seus trabalhos e ajudá-lo a organizar o seu ficheiro com todo o cuidado até à última casa da classificação decimal. Mas terá que deixar as fichas espalhadas pela mesa, numa flagrante ofensa ao seu espírito ordeiro, para ir acudir ao miúdo que chora no quarto ao lado e porventura, um dia ou outro terá que deixar de lado a classificação para se meter na cozinha a fazer um belo pudim para o marido; e até nisso poderá empregar os seus conhecimentos científicos — embora nós não julguemos que dê muito bons resultados...

Voltemos portanto às inevitáveis conclusões destas ligeiras considerações. A vossa noiva há-de vos agradar fisicamente, deve ter fundamentalmente uma sólida formação cristã e quanto a inteligência e cultura deve encontrar-se a um nível muito aproximado do vosso. Todas estas três coisas são necessárias juntamente, não esquecendo nunca a noção essencial de que o matrimónio se contrai para se ter filhos e que a noiva há-de ser um dia a esposa, isto é, a mãi dos vossos filhos, mãi que será para eles como a vossa mãi tem sido para vós.

O Problema das Associações Académicas

Fala o Presidente da A. A. da Faculdade de Direito

PROSSEGUINDO no nosso inquérito, fomos à Associação Académica da Faculdade de Direito e ali encontrámos Carlos de Macedo. Começamos por lhe dizer:

— «Como deve ter lido em «Ala» iniciámos uma série de entrevistas com os dirigentes das Associações de Estudantes afim de podermos colher alguns elementos úteis para a boa organisação e eficácia das mesmas associações. Depois da magnífica exposição que o Bento Louro nos fez dos problemas da A. E. do I. S. T. e da maneira como se resolveram ou se pensam resolver, cabe-nos agora ouvi-lo a si, amigo Macedo, para nos elucidar sobre o andamento da A. A. da Faculdade de Direito e dos planos que tem em vista, bem como dos meios para o conseguir, se é que se podem conseguir...

Quer indicar-me as linhas gerais da organização da Associação a que preside?»

— «Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que foi com muito interêsse que tomei conhecimento da iniciativa de «Ala», destinada a levar ao exame dos universitários o bom e o mau, a luz e a sombra, das Asssociações de Estudantes da Universidade de Lisboa. E só tenho receio que as minhas palavras possam ser, porventura, muito crepusculares...

Devo, ainda, esclarecer, que não sou mandatário da direcção da Associação — a qual, de resto, embora já constituída, não está nomeada para o ano que corre, por enquanto.

E vamos à resposta: — A missão da Associação, segundo a letra de arcaicos Estatutos, que, aliás, é nossa intenção remodelar, seria: — Realizar e promover o desenvolvimento intelectual, moral e físico dos seus associados; organizar serviços de protecção e assistência aos sócios que delas carecerem.

A finalidade — desenvolvimento intelectual — tem sido conseguida, se bem que em modesta escala, através as revistas e os jornais postos à disposição dos associados numa das salas. Mas a nossa Biblioteca, com o seu número restrito de publicações, tem um interêsse meramente platónico. Na realidade, para a consulta e o estudo das obras de especialização jurídica, existe a Biblioteca da Faculdade, perfeitamente apetrechada. E no que diz respeito a livros de cultura geral a nossa penúria é manifesta.

Quanto ao desenvolvimento moral e físico, realizado sobretudo pelo contacto dos sócios na séde e nos campos de desporto, gostaríamos de o focar mais detalhadamente e já fora desta epígrafe».

— «Podia dizer-me o que resultou da actividade de todos os alunos de Direito para a criação de uma A. A. mais eficaz?»

— «Eu lhe explico. Dessa actividade resultou, pelo menos, um benefício: a inscrição de mais associados. Efectivamente foi tal o entusiasmo, que, de vinte sócios com que iniciámos o ano lectivo, caminhamos agora para os cem, o que é sintomático. A agitação interna que êste ano percorreu como um frémito a pacata e de longa data votada ao esquecimento Associação, fôsse qual fôsse a sinceridade dos descontentes, redundou em proveito. Um golpe de ar pode originar uma pneumonia, mas também pode — e foi o caso! — vivificar o ambiente e aclarar as idéas».

— «E a falta de elementos do 4.º ano na direcção?»

— «Aí está uma pergunta que eu formulei a mim próprio quando se procedeu ao apuramento final das consultas realizadas na Faculdade para a indicação dos nomes da nova direcção. Reunidos vinte delegados, quatro por cada ano, a maior parte das opiniões recaíu sobre diversos, nenhum dos quais do quarto. Em todo o caso, porque é absolutamente indispensável terem os quartanistas uma representação na direcção (até porque, sendo o Presidente tradicionalmente do quinto, lògicamente se deve tratar de pessoa que tenha estado em contacto com os problemas associativos), a questão há-de ser resolvida pelo melhor, esteja descansado».

— «Tem alguns planos em vista? Por exemplo, no campo desportivo?»

— «Projectos, sugestões, alvitres, surgem de todos os lados. Posso dar-lhe alguns tópicos:

— Tentaremos transferir as nossas instalações para uma casa independente situada nas trazeiras da Faculdade, onde ficam depositados os livros que à Biblioteca da mesma não interessam — livros mortos — e que, como tal, recebeu a macabra designação de «Morgue».

Os outros tomaram tumultuosamente a Bastilha. Nós entrariamos pacificamente na «Morgue»...

Procurarmos conseguir a inscrição automática dos alunos na Associação pelo próprio acto das matrículas. É, parece-me, o processo seguido no Instituto Superior de Agronomia.

Tencionamos conversar com os sebenteiros no sentido duma diminuição no preço dos apontamentos para os sócios, já que a feitura das «fôlhas» na Associação, não só pelo dispendio da utensilagem, como pela nossa falta de preparação, se afigura, de momento, impossível.

Desejamos ainda, caso a transferência se realize, instalar um «buffet» e uma cantina, tipo reduzido, que beneficiaria, de igual modo, os alunos de Medicina, Veterinária, e possivelmente de outras escolas superiores.

É pouco, não acha? Seria muito...

No campo desportivo, além de projectos, há também realidades. Assim, no ano corrente, obtivemos no campeonato de volley-ball um segundo lugar que nos alegra sobremaneira pela categoria dos outros concorrentes, um quarto lugar no futebol, e fortes probabilidades de classificação óptima no torneio de oquei em patins em curso. Em tiro fômos vencedores no ano transacto e parece-me não ser presunção afirmar que devemos conservar o título. O mesmo sucede com a natação, onde certas provas individuais costumam ser nossas, de há tempos a esta parte.

Pode afirmar em «Ala», que a representação desportiva de Direito, em condições extraordinàriamente precárias, tem obtido resultados que chegam a roçar pelo milagre. Só a boa vontade e o espírito de sacrifício de todos — extraordinários rapazes êstes! — o tornaram possível.

Com matéria-prima tão boa o que não se poderia conseguir, se tivessemos campos de jogos, piscina e uma orientação técnica! E nem tanto era preciso!»

— «E com que meios pode contar a A. A. da nossa Faculdade?»

— «Vou dar-lhe uma breve resenha e você tirará as suas conclusões. Primeiro a subvenção do Govêrno — 700$00 — absorvidos e ultrapassados com a remuneração do empregado — 150$00 mensais.

Quotas anuais de 10$00, pagas pelos sócios, hoje felizmente em maior número.

Receitas ocasionais do voleibol, ping-pong e cartas. Quero contudo frisar-lhe que o acréscimo de despeza na compra do material provocado pela guerra, nos obrigou a elevar os preços dos jogos, o que só nos traz aborrecimento. E mesmo assim, receitas e dezpezas dão ela por ela. Quando há meses, verificámos no ping-pong um saldo de 100$00, ficamos exultantes. Já vê».

— «Não acha que não era descabida uma verba orçamental para fins de educação física dos universitários, ou melhor, dos estudantes?»

— «Se não era descabido? Era absolutamente indispensável, embora não resolvesse o nosso problema, que é, antes de tudo, de instalação. Fôsse-nos dado um edifício adequado... e o resto viria por si. Uma coisa é conservar e melhorar — é o que acontece no Instituto Superior Técnico; outra, muito diferente, consiste em construir quase do nada — é o que se passa connosco.

Basta dizer-lhe, a título de exemplo, que a bola de voleibol com que disputámos o torneio universitário foi comprada por subscrição entre os jogadores; que as «equipes» fôram adquiridas por um ex-membro desta Associação; que a bola de basquetebol foi oferecida; que os praticantes pagam do seu bolso o aluguer de botas, caneleiras, joelheiras e outros apetrechos indispensáveis, etc., etc., etc.»

— «Mas a Faculdade de Direito não tem edifício capaz, melhor, edifício sofrível, para um razoável funcionamento da A. A., em ordem a produzir resultados satisfatórios!...

— «Não tem nem terá enquanto permanecer no Campo de Santana. Provisòriamente, porém, a casa de que lhe falei já nos faria muito arranjo».

— «Pensa poder existir verdadeira camaradagem entre os alunos da Faculdade de Direito enquanto não existir uma sala da A. A. onde caibam mais que uma dúzia de alunos — lotação da actual?»

— «Você sabe tão bem como eu que a camaradagem não se força; ela surge espontaneamente, pela prossecução dos mesmos interesses, pelo convívio. Não podemos manifestamente aferi-la em função de salas maiores ou de melhoramentos materiais, por muito bons que sejam. Quando existe a verdadeira camaradagem ela encontra sempre local para se desenvolver e frutificar. Isto só vem dar maior realce ao incalculável benefício de uma sede arejada, limpa, ampla, dotada de tôdas as comodidades e distracções, onde os alunos pudessem conversar, permanecer, recrear-se... Seria o ideal, é claro».

— «Desculpe Macedo, mas só mais umas perguntas:

Com respeito a auxílio a estudantes pobres? E intercâmbio cultural?»

— «Os serviços de protecção e assistência são exercidos pela «Caixa de Auxílio aos Estudantes Pobres», cujas verbas resultam de prestações pagas por professores e alunos. Esta «Caixa» tem certa autonomia e é ponto assente para qualquer direcção não tocar nas suas reservas, mesmo quando se encontra na mais negra miséria. Ainda no ano passado quatro alunos receberam subsídios relativamente avultados da «Caixa». Cabe-me, entre parêntesis, pôr em destaque um carinhoso legado com que fomos contemplados pelo falecido advogado, dr. Mário Costa. Consta de todos os seus livros de Direito e deve ser distribuído pelos alunos mais pobres desta Faculdade. Estamos muito gratos à sua generosa intenção!

Do ponto de vista — intercâmbio cultural — nada se fez nos últimos anos, em razão das parcas possibilidades financeiras e do predomínio absorvente do Desporto.

Direcções anteriores (recordo a de Martins de Carvalho) conseguiram manter, através correspondência e troca de publicações, uma actividade muito interessante com algumas congéneres estrangeiras.

Iremos, talvez para a organização de conferencias, como se fez em tempos; a dificuldade só está em os assuntos serem bem escolhidos e mais bem tratados. A não ser assim, a debandada seria completa. E mesmo assim...»

— «Tem notado interesse pelos problemas académicos, entre os alunos de Direito?»

— «Com franqueza, não».

— «Qual a razão do desinteresse?»

— «Na parte que nos toca, circulo vicioso, pura e simplesmente. Por um lado, grande parte dos alunos entende — com tôda a razão — que as instalações são péssimas e os benefícios quase nulos; por outro lado, as instalações são péssimas e os benefícios quase nulos em virtude do desinteresse dêsses mesmos alunos.

Facto significativo: Em 1943, se não erro, a Associação tentou, organizando um baile na Casa do Alentejo, grangear os meios precisos para suprir as suas dificuldades. O resultado foi contrapoducente. Um «deficit» pesadíssimo caíu sobre os organizadores, demonstrando-se assim uma confrangedora falta de compreensão. E mais nada».

— «Agradeço-lhe o seu contributo e oxalá ele sirva para aclarar alguns espíritos menos conhecedores desses tristes problemas».

Um aperto de mão e deixámos o Macedo preparar uma crítica desportiva para a Rádio-Renascença.

Carlos Augusto

N. da Redacção: — As gralhas... Mais uma de vulto, que nos escapou na revisão, e da qual pedimos sinceras desculpas. Trata-se de um ponto bem importante da entrevista que Bento Louro, Presidente da A. E. I. S. T., nos concedeu no último número. Ao tratar das atribuições dos delegados de curso, deve lêr-se «...dá-se a êste não só a marcação dos exames de frequência ...»

Mais uma vez, as nossas desculpas pela involuntária falta!

Condições de Assinatura

	12 núm.	24 núm.
Portugal Cont., Colónias Portuguesas, Espanha e Brasil. .	12$	24$
Outros países		30$

Uma ideia digna de atenção

Recebemos a seguinte carta que gostosamente transcrevemos:

Meu caro Director:

Apreciador e leitor assíduo da «Ala», não posso deixar de dar todo o meu apoio à campanha agora iniciada no mesmo jornal em prol das Associações Académicas. Como aluno do I. S. T. apreciei imenso a entrevista publicada no último número com o presidente da nossa Associação dos Estudantes.

É realmente notável a obra há vários anos iniciada de auxílio aos alunos do Técnico e que a nova Direcção tão bem tem sabido continuar. Como se diz na mesma entrevista procura dar-se um complemento prático à formação do engenheiro.

Mas há um ponto que considero essencial e a que infelizmente não se tem atendido convenientemente: a formação social.

A função social do engenheiro é muito importante: pela sua posição no campo da técnica, intermediário entre o capital e o trabalho, exerce uma influência considerável não só económica — melhorando e aumentando a produção — mas também humana — contribuindo para a melhoria das condições de trabalho.

O engenheiro é mais do que um técnico, é um dirigente social e como tal lhe incumbem graves responsabilidades que deve estar preparado a assumir. Em contacto com os operários pode, auscultando-os, ouvindo-os, observando e inquirindo, conhecer as suas dificuldades, as suas condições de vida e as suas aspirações; pode ser uma espécie de irmão mais velho, aconselhando-os e defendendo-os junto dos patrões.

Mas para que ele possa desempenhar competentemente a sua missão social é necessário que conheça os problemas e esteja preparado para os resolver. Esta preparação ou seja esta formação do sentido social é actualmente muito deficiente.

Apenas no 6.º ano, na cadeira de Economia Política, se dão umas breves noções sôbre as doutrinas sociais e económicas, noções de carácter teórico, nitidamente insuficientes para a vida prática.

Já que o curso não dá a preparação social, tão necessária ao engenheiro, não poderia a Associação de Estudantes interessar-se por esse problema?

O interesse poderia revestir dois aspectos: por um lado insistir junto do Conselho Escolar para que, tanto quanto possível, se atendesse no curso ao aspecto social; por outro lado procurar na própria Associação, quer por meio de artigos na Técnica, quer por meio de conferências, visitas a fábricas, inquéritos, etc., sob a direcção de uma pessoa competente, despertar nos alunos a noção da necessidade de uma preparação social prática.

Desculpe o meu atrevimento e creia-me sempre ao seu dispor.

António Botelho

MARIA

(CONCLUSÃO)

história da Salvação e fazem-na contrastar com o pecado da primeira mulher. Tal como o consentimento de Eva à tentação da serpente trouxe o pecado e a ruína, assim o consentimento de Maria à mensagem do Anjo nos trouxe a Redenção. Por isso Maria tem uma relação pessoal com o Filho de Deus, e a salvação da sua própria pessoa, mas também uma relação com os muitos que por seu Filho são redimidos. É Mãe não só do Redentor mas de todos os redimidos; e é portanto a Mãe dos fieis. Os católicos têm no Céu não só um Pai mas uma Mãe. Embora, pela sua natureza humana, esteja infinitamente distante do Pai, graças especiais a elevaram a uma maravilhosa proximidade de Deus e, como Mãe do Redentor reflete a bondade e a generosidade de Deus com uma intimidade e uma verdade impossíveis a qualquer outra criatura. Quando o católico fala da sua Mãe do Céu enchem-lhe o coração todos os sentimentos que esta palavra implica. Maria é como que uma revelação de certos traços últimos e inefáveis d natureza de Deus, que são demasiado delicados e subtis para serem apreendidos de outra forma que não seja reflectidos no espelho de uma Mãe.

Ave Maria!

KARL ADAM

(*«The Spirit of Catholicism» Unicorn Books*)

Trad. de **Luiz de Macedo Chaves de Oliveira**

CAMPEONATO DE FUTEBOL

Económicas e INEF disputarão entre si o título

O campeonato de futebol está pràticamente realizado faltando apenas o apuramento do vencedor, em jôgo suplementar, como indica o regulamento, visto que 2 grupos chegaram ao final da prova em igualdade de pontos, sem, entre eles, ter havido qualquer vitória ou derrota.

Francamente, gostámos do campeonato. A fórmula que se adoptou, obrigando os teams a jogarem *todos contra todos* dá uma melhor ideia do apetrechamento técnico e físico dos grupos. Além disso, o torneio foi muito nivelado, e o título esteve sempre com possibilidades de ser alcançado por mais que um concorrente.

Os próprios grupos que a princípio se mostraram mais fracos, melhoraram com o decorrer da prova, e originaram mesmo algumas surpresas que não estavam dentro das previsões.

SOBRE OS JOGOS

Os jogos disputados em maior ambiente de espectativa foram aqueles em que jogaram entre si Direito, Agronomia, Técnico, INEF e Económicas, o que não quer dizer que alguns outros, como Naval-INEF, Belas Artes-Direito e Naval-Agronomia, não tivessem alcançado excelente nível. Belas Artes-Direito foi mesmo um belo desafio, em que B. A. só não triunfou por uma incompreensível falta de remate. Direito que começou muito bem, com um 4-1 sobre a Escola Naval, alcançou o seu melhor resultado contra o Técnico, que apenas pode ter como atenuante o facto de ter apresentado uma linha bastante desfalcada, mas foi o seu melhor jogo contra Económicas em que, só por manifesta pouca sorte, não alcançou um resultado imprevisto.

Agronomia conseguiu também um bom resultado contra o Técnico (1-1) mas, na verdade, não o mereceu.

O seu ponto foi um autêntico brinde de deuses e o resto... foi o que viu quem presenciou o jogo!

No encontro que disputou com o INEF começou muito bem, chegando a adeantar-se, de modo e fazer perigar as justas aspirações do seu cumpetidor, mas acabou por socumbir perante o maior poder ofensivo destes.

Contra Económicas, valeu-lhe a excelente defesa de Viana que defendeu tudo quanto se pode exigir. Económicas fez talvez, neste jogo, seu melhor do campeonato, apesar da ausência de Homem Reis e de Garcia Ramos.

Este encontro disputou-se sobre o magnífico tapete relvado da Tapadinha. Todos os jogadores se adaptaram muito bem ao terreno, alguns deles salvaram-se de lesões que, dada a espectaculosidade das quedas, podiam ter sido casos sérios.

O Técnico sofreu logo na primeira jornada, grande surpresa que lhe veio pôr um entrave aos seus desejos — a derrota por 2-0 que o INEF lhe impoz. A vitória deste foi absolutamente justa, e trouxe-lhe a confiança com que encarou todo o campeonato, e com que, certamente, encara ainda o encontro decisivo.

O INEF adaptou-se muito melhor ao pântano em que se desenvolveu a contenda.

O jogo Técnico-Económicas foi agradável... como jôgo!

O empate aceita-se bem. É absolutamente justo um louvor a certos elementos que souberam, apesar da revoada triste de violências que perpassou pelo campo, manter-se sempre no seu lugar, não descendo nunca ao que outros jogadores desceram.

São estes os verdadeiros obreiros dum Desporto Universitário que tarda em aparecer mas cuja hora, se Deus quizer, ha-de chegar.

Os outros...

Económicas-INEF — o jogo mais importante do campeonato — podia ter trazido uma derrota a Económicas — que contudo a não merecia.

A sua defesa jogou muito bem, sempre à base da colocação, e só o ataque pecou pela falta de remate.

Ao INEF, que aproveitou a rapidez das pontas e do avançado-centro — especialmente Tamegão e Fernando Ferreira — para lhes fazer lançamentos compridos, valeu a actuação inexcedível de Enes Ferreira. Os seus avançados foram pràticamente anulados pela defesa contrária.

...E SOBRE OS JOGADORES

Ciências (7 pontos; 8-34). Grupo muito pouco cuidado o que, se em parte é para estranhar, dada a grande população escolar desta Faculdade, por outro lado se justifica plenamente, dado o confrangedor abandono a que foi votada a Educação Física nesta mesma Faculdade — e, em quási todas as outras, como é sabido...

Distinguiu-se Vieira da Fonseca, um dos melhores defesas do campeonato e Cirilo, o médio-centro, que contudo não deu o rendimento que se podia prever.

Escola Naval (11 pontos; 14-25). O grupo aparentou boa preparação física, é pesado e tem conhecimentos do jogo, mas faltam-lhe os valores individuais que são os mais úteis nas nossas formações universitárias — formações que só em casos excepcionais se podem valer dum conjunto muito afinado.

De entre todos os jogadores distinguiu-se Coral Costa.

Regosijamo-nos sinceramente pelo facto da Escola Naval voltar às competições universitárias e não temos a menor dúvida em salientar o grande exemplo de desportivismo que os futuros oficiais da Armada nos deram pois, apesar do número reduzidíssimo de alunos da Escola e de contratempos de toda a ordem, desde o apertado horário a deslocações prolongadas — como a dos cadetes do 1.º ano, a bordo da Sagres — nunca faltaram.

Econ.	1-1	2-2	8-2	8-2	14-0	7-0	16-1
1-1	INEF	2-0	5-8	10-2	5-0	2-2	8-2
2-2	0-2	IST	1-1	1-4	10-1	5-8	2-0
2-8	8-5	1-1	ISA	2-1	11-1	2-4	V (f. c.)
2-8	2-10	4-1	1-2	FD	1-1	4-1	8-1
0-14	0-5	1-10	1-11	1-1	BA	3-2	8-2
0-7	2-2	8-5	4-2	1-4	2-8	EN	2-2
1-16	2-8	0-2	D (f. c.)	1-8	2-8	2-2	FC

Não esquecemos nesta citação o corpo directivo daquela Escola, em quem todos os dirigentes da nossa Universidade deviam pôr os olhos meditando bem nas facilidades dispensadas à causa da educação física.

Belas Artes (12 pontos; 9-45). Grupo animoso, tendo melhorado consideràvelmente desde o último torneio.

Distinguiram-se especialmente o defesa Francisco Castro, o médio-centro Anselmo Fernandes, o extremo-direito Andrade e Sousa e, por vezes, o avançado-centro João Rebelo. O primeiro guarda-redes que alinhou inspirou pouca ou nenhuma confiança ao grupo, mas o seu substituto modificou por completo este estado de espírito.

Direito (14 pontos; 22-19). Também este grupo melhorou muito desde o último ano, prevendo-se, depois dos 4-1 sobre a Escola Naval, que traria muitas surpresas. Contudo, o forçado afastamento do médio-centro Rocha, no decorrer do campeonato, influiu consideràvelmente no rendimento da equipe. O back-direito, Amadeu, é excelente e o guarda-redes Sousa Ribeiro, teve exibições magníficas (como contra Económicas) a par de outras verdadeiramente desastradas (contra o INEF, por exemplo).

Carlos Macedo mostrou-se o melhor avançado-centro de todos os grupos concorrentes.

Agronomia (14 pontos; 21-15). Grupo pesado e consistente, mas com pouco conjunto. O guarda-redes, Raul Viana, foi o elemento mais destacado. A defesa joga muito sobre o duro, distinguindo-se Andrade. Pessoa Duarte, que actuou em poucos dos jogos, não deu o rendimento a que estávamos habituados, talvez por precárias condições de saude. A linha avançada — o ponto mais fraco e desligado do grupo — podia ter feito bem melhor!

Técnico (15 pontos; 21-13). Os campeões destronados foram muito irregulares. A ausência de Semedo tirou toda a consistência à defesa e quebrou absolutamente a confiança nas restantes linhas — o grande trunfo de 2 vitórias consecutivas em anos anteriores, em que a ideia durante o jogo era: «Tudo para a frente».

Freire, um médio-centro absolutamente de ataque, descaiu sobre a defesa e Vilar quebrou também. Além disso, a linha avançada, à excepção de José Silva, foi pouco produtiva.

Distinguiram-se a grande altura dos restantes elementos, o defesa Pinto Leite que tem magníficas qualidades, o médio-esquerdo David Cohen, um portento de colocação e segurança e José Silva, interior direito, que lutou sempre com a mesma alma, vindo atraz buscar o jogo que os médios não lhe forneciam, e indo à frente rematar, já que os seus colegas o não faziam.

Rómulo é elemento prometedor, embora bastante frágil. Bettencourt, menos em evidência do que se devia esperar.

O grupo deu a impressão de, de certa altura em diante, se desinteressar do campeonato, o que está pouco em conformidade com as tradições brilhantes que ostenta.

INEF (19 pontos; 28-10). Um bravo a este grupo, pelos seus notáveis progressos desde a última competição.

A subida de forma foi não só devida à entrada de novos elementos (Mexia, Cunha Reis, Bentes e Leite) mas também à notável melhoria de alguns já antigos, principalmente Enes Ferreira que foi a grande figura deste team, devendo-lhe o INEF grande parte de alguns dos resultados obtidos.

O grupo, onde o conjunto nada tem de notável, viveu da boa classe de alguns elementos, em especial Cunha Reis (que, contudo, deve esforçar-se por modificar a sua maneira de jogar, lutando lealmente quando fôr batido). Leite, um excelente defesa e Bentes — o melhor atacante. Braga foi muito útil em alguns jogos. Mário Lemos jogou menos do que pode.

Económicas. (19 pontos; 46-8). Sem dúvida foi o conjunto mais afinado de todos os grupos que disputaram o campeonato. Há, contudo, que fazer certas referências individuais como ao guarda-redes Ernesto, ao médio Pinto Basto (que, no seu jogo atabalhoado, foi de longe o elemento mais útil à equipe) e na linha avançada que fez indiscutivelmente bom futebol mas pecou por pouco engodo pela baliza (especialmente frente a defesas duras), a Homero Reis, um modelo de correcção, que foi, a bem dizer, o orientador de todo o ataque.

Artur Fernandes não mostrou classe para avançado-centro desta equipe, agarrando-se muito à bola, dando tempo a que os adversários cubram os companheiros e não rematando o suficiente.

Gonzaga Ribeiro desempenhou-se a contento da sua tarefa, a médio-centro.

Vaz Pinto, na defesa, emparceirou bem com Garcia Ramos mas, apesar do seu belo sentido de colocação no terreno, corre pouco e bate deficientemente a bola.

* * *

Pouco cuidado na escolha dos árbitros que, àparte Ribeiro Sanches, não mostraram categoria para dirigir encontros entre estudante universitários.

* * *

E ficamos aguardando, cheios de interesse e sem querer arriscar um prognóstico, esse encontro final entre o INEF e Económicas...

Como se sabe, aquelas *velhas facilidades* que *prontamente* se concedem, no nosso país, quando se pretende realizar qualquer coisa que saia da rotina, enviaram para o rol dos projectos a ideia de realizar o dito jogo no Estádio Nacional, no dia 17.

Que magnífica jornada de propaganda se deixou assim perder...

V. B. — S. O.

Talvez já soubesse que...

...nos enganámos ao indicar no último número a maneira como se faria a pontuação das vistas à Taça a atribuir, à escola mais classificada no conjunto de todos os campeonatos. Os coeficientes indicados para cada modalidade, serão multiplicados por 3, 2 e 1 respectivamente para o 1.º, 2.º e 3.º classificados. Assim, a classificação actual (Volley-Ball — 1.ª e 2.ª categorias — e Tennis de mesa) é a seguinte:

Técnico 38 pontos (15 + 15 + 8). Agronomia 14 pontos (5 + 5 + 4). Ciências 12 pontos (0 + 0 + 12). Direito 10 pontos (10 + 0 + 0) INEF 10 pontos (0 + 10 + 0).

...o Técnico acaba de conquistar brilhantemente o título de hockey em patins.

...os jogos de baskett-ball que se realizavam às segundas-feiras foram transferidos para as terças.

...se deve realizar, este ano, o campeonato de hockey em campo, para o qual estão inscritos, Agronomia, Técnico e Económicas.

...esta decisão vem ao encontro dum desejo dos universitários do Porto.

...a confirmar-se a ausência de Veterinária, só se inscreveram, no campeonato de rugby cujo início está marcado para 23, aquelas 3 mesmas Escolas.

ala

QUINZENÁRIO DOS UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS DE PORTUGAL

Director: José Luiz Abecasis — Redactor principal: Jorge Botelho Moniz — Editor: José Azevedo Mendes Administrador: Manuel Belo — Propriedade: Juventude Católica — Redacção e Administração: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Comp. e imp.: Tip. Freitas Brito, Lda., Rua do Ferregial, 12 a 20 Distribuição a cargo da «Agência Internacional de Livros e Publicações» Rua de S. Nicolau, 116, 2.º

1$20 * Lisboa, 15 de Fevereiro de 1946 * Ano IV, N. 53

Por êsse nosso Portugal...

AS ILHAS ADJACENTES

Descrever de maneiras sumárias essa pequena parcela da nossa Pátria que se chama «Ilhas Adjacentes», é tarefa difícil. E, digo que é tarefa difícil porque quási tudo quanto se pode lá ver se nos apresenta sempre a reclamar a primasia sôbre as as coisas vistas anteriormente, não sendo assim fácil dizer quais as que mais impressionam.

O que vou escrever não vos mostra completamente nenhuma das ilhas; servirá quanto muito para vos despertar o desejo de visitardes êsse conjunto maravilhoso que se representa por pequenos pontos como que perdidos nesse imenso Atlantico, que nós, portugueses, desbravámos e demos a conhecer ao Mundo.

Se assim fôr, ficarei bastante satisfeito

E, agora, iniciemos a viagem percorrendo ràpidamente as várias ilhas.

Comecemos pela Madeira, a primeira que se visita após nos termos despedido do continente por intermédio do Cabo da Roca.

Pouco antes de a avistarmos, havíamos passado ao largo de Pôrto Santo, a estância de verão das famílias madeirenses que aproveitam a circunstância de as praias da ilha terem areia branca para aí irem passar a estação calmosa.

Na Madeira, desde que a avistamos, até que dela nos despedimos, tudo nos impressiona agradàvelmente.

— Primeiro o aspecto da ilha visto do mar, descendo para êste em escarpas formidáveis, tendo uma delas bem no cimo um enorme Cristo, de pedra branca, que provoca o nosso extase; depois, o magnífico aspecto da vegetação em toda a ilha mas principalmente no Ribeiro Frio, ponto obrigatório do turismo onde existe um belo salão de chá, a vista do Cabo Girão e tantas outras que se disfrutam dos mais variados locais, as casas pequenas e caiadas dispostas suavemente pelas colinas, uma aqui, outra ali, lembrando um enorme presépio, e a capital, Funchal, cidade de belos edifícios e esplêndidos jardins públicos. Por último, uma obra magnífica que bem dignifica as entidades locais: — Uma piscina construida junto ao mar e com água dêste, rodeada de salinas e campos de «ring-ténnis», um desporto quase desconhecido no Continente e que ali se pratica em grande escala.

Tanto à saída como à entrada do pôrto, cercam o navio pequenos botes, com rapazes novos e homens, pedindo que lhes lancem moedas que êles apanham mergulhando ràpidamente na água, e, por uma quantia mais elevada atiram-se do convés e da ponte do navio... Que esplêndidos saltadores!!!

Mas o vapor vai partir. Digamos o último adeus à Madeira e caminhemos para o Arquipélago dos Açores.

A primeira ilha a aparecer-nos é Santa Maria, agora bem conhecida de todos por ali estar construido um ótimo aeródromo. Tirando êle, a ilha nada tem de notável: — Umas poucas casinhas dispersas por aqui e por além, e agora umas boas estradas que, partindo do aeródromo vêm dar ao ancoradouro onde devido à quase permanente agitação do mar é difícil desembarcar do escaler assistindo-se assim a algumas cenas trágico-cómicas...

O barco pouco tempo nela se demorou e eis-nos a caminho de S. Miguel, donde nos separam poucas horas de viagem.

S. Miguel é a ilha principal, pois nela está a capital do Arquipélago—Ponta Delgada. Digamos desde já que o aspecto da cidade em nada corresponde ao interior da ilha, formando com êle um enorme contraste.

À primeira impressão tão desagradável que tive após o desembarque, seguiram-se uma infinidade de outras que por completo fizeram desaparecer a primeira. De entre tanta coisa linda, destacarei as já conhecidas, de nome pelo menos, Sete Cidades, duas lagoas enormes, uma verde e outra muito azul, separadas por uma pequena faixa de terra e que em dia de sol constituem um conjunto maravilhoso; outras duas lagoas, a do Congro e a dos Nenúfares, esta última bem pouco conhecida e que é também de notável belesa, pois está completamente coberta por flores daquele nome, e, por último, as Furnas, onde a terra fumega sob os nossos pés, onde há nascentes de água fervente ao lado de fontes de água fria! — Que espectáculo maravilhoso e extraordinário!

...mas que todos os dissabores e contra tempos que podeis ter nessa travessia são completamente recompensados pelas vistas e panoramas...

A temperatura dessa água é tão grande que a população a utiliza para cozinhar não necessitando de a aquecer.

Mas temos de continuar a viagem.

Aparece agora Terceira, a parcela mais portuguesa de todo o território português pois foi a que menos tempo esteve sob domínio espanhol e que nos mostra na sua capital — Angra do Heroísmo—a cidade dos Açores de melhores arruamentos, belos edifícios e jardins; e ainda o novo aeródromo que é segundo os técnicos uma obra formidável sob todo e qualquer ponto de vista.

Vêm a seguir Graciosa, onde existe uma caldeira que tem de ser visitada a pé ou de burro e que é de impressionante belesa; S. Jorge, e Pico onde está o ponto mais alto do arquipélago e que deu o nome à ilha.

A viagem de ida está prestes a terminar: faltam-nos apenas três ilhas.

Uma delas Faial, cuja capital, ponto de escala dos «Clippers» é a moderna cidade da Horta, com um grande clube, de magníficas instalações, de nome «Amor de Pátria» que foi edificado a expensas daqueles que trabalhando e ganhando o seu pão na América não esqueciam a terra em que nasceram.

E, por último, pois não me foi dado visitar o Corvo, aparece uma ilha, de nome Flores. Direi apenas, que o interior da ilha está em perfeita relação com o seu nome, que para a visitar é necessário andar a pé por caminhos algo escabrosos e ensopados durante seis horas e meia, atravessando a vau alguns riachos, mas que todos os dissabores e contratempos que podeis ter nessa travessia são completamente recompensados pelas vistas e panoramas que nela se podem observar.

Acabou a viagem, mas não a recordação dela que perdurará para sempre.

E, para terminar como comecei, digo-vos amigos, que nas próximas férias grandes em vez de irdes para uma estância no Continente, procurai antes conseguir fazer esta pequena viagem que tão grandes maravilhas nos mostra.

Asseguro-vos que não vos arrependereis.

Carlos Eugénio Chaby

CREDO!

«Credo in unun Deum Patrem Omnipotentem, factorem caeli et terrae, visibilium omnium et invisibilium...» — Da Santa Missa.

Creio, Senhor, eu creio,
Que sois vós o meu Deus...
Vós, da terra e dos céus,
O Salvador...
O Criador
Das coisas que nós vemos;
Daquelas que sabemos
A existência e o valor,
E daquelas que nós desconhecemos...
Eu creio que sois, vós, o Redentor!

Creio, Senhor, eu creio
Em vós que sois o Cristo,
Como creio que existo!
E esta certeza,
Trás-me assim, presa
À vida e à luta agreste,
Como se a luz celeste
Enchesse de leveza
Esta cruz tão pesada que me destes,
Que tanto revoltava a minha natureza!

Luz da Luz, vossa Graça,
Que adoro pos excelência
Em Vós nessa Clemência,
Nessa Bondade...
E na Verdade
Da Vossa Mansidão...
Se sois Vós o Perdão,
O Amor e a Caridade,
Que enche de paz meu pobre coração!
Eu creio em Vós, meu Deus... Sois a Verdade!

Creio, Jesus, eu creio,
Que encarnastes, um dia,
No seio de Maria,
A Virgem Pura
— Flor de Candura!
Feito Homem, por amôr
Ao pobre pecador,
sofrestes a tortura
De uma Cruz de ignominia, ó meu Senhor!
...E baixastes, então, à sepultura!...

...E ao terceiro dia,
Vosso Corpo subia
Das trevas, para a Luz!

Oh! Peço-vos perdão
De vos ter condenado,
E assim crucificado
A essa Cruz,
Ó meu Jesus!
Vós sois a Caridade,
A Fonte da Verdade,
Senhor! E é o vosso olhar de Piedade,
Que o meu olhar sereno, assim, conduz!

Creio, na vossa Glória,
Ó Deus, tal como creio
— Com todo o meu anseio
E no fervor,
Do meu amor...
Creio no Espírito Santo,
E também no encanto,
Que vem de vós, Senhor!
Creio na Igreja Santa, que instituistes,
Pois sois Vós ó Jesus, o Redentor!

Baptisei-me, uma vez
E um baptismo confesso;
E assim, ó Deus, Vos peço,
A absolvição
E a remissão
Dos êrros cometidos
...E dos dias perdidos...
— Senhor Jesus, perdão
Por todos os pecados repetidos,
Nas horas más de luta e tentação!

Creio, oh sim, eu creio,
Que esta carne, a poeira,
Que arrasta a vida inteira
— A minha cruz...
Senhor Jesus,
Ressurgirá, um dia,
Da plena poesia
Que ao extase conduz!...
...Creio, Senhor, nesta agonia,
Dos martírios do Inferno, sem uma luz!

Creio, enfim, na Verdade,
De uma Vida de Glória,
Na Paz da Eternidade!

Maria da Luz Monteiro de Macedo